# AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

## Dados de atividade devem confirmar desaceleração da economia no 2T26 no Brasil. Nos EUA, atenção para a ata do Fed.

**No cenário nacional, a semana é bastante enxuta, com as principais divulgações ocorrendo nesta segunda-feira (17). O Banco Central divulgou hoje cedo que o índice IBC-Br recuou 0,64% em junho**. O resultado refletiu o fraco desempenho dos principais setores no mês: quedas na indústria e no varejo e estabilidade nos serviços, como já reportado pelo IBGE. Ainda assim, o indicador registrou leve crescimento de 0,2% no 2T26, bastante inferior ao avanço de 1,2% do 1T26, reforçando os sinais de desaceleração da atividade econômica. Ainda hoje, a FGV divulga o resultado do Monitor do PIB de junho, que também deve apontar acomodação no 2T26, embora com ligeiro avanço na margem. O resultado oficial do PIB será divulgado pelo IBGE no dia 01 de setembro.

**O Boletim Focus divulgado pelo Banco Central nesta segunda (17) mostrou estabilidade nas principais expectativas de mercado para 2026, após as revisões observadas nas semanas anteriores.** Nesta edição, a mediana das projeções para o IPCA ao final de 2026 permaneceu em 5,02%, após seis semanas seguidas de revisões para baixo. A projeção de crescimento do PIB em 2026 seguiu em 1,98%, enquanto a expectativa para a meta da taxa Selic no fim do ano também ficou inalterada, em 13,75% a.a. As leituras recentes do Focus indicam um cenário de acomodação das expectativas de inflação para 2026, ainda que a mediana das projeções siga acima da meta (3,0%) e corresponda a uma aceleração do IPCA até o fim do ano. No caso da atividade, a expectativa sugere um crescimento moderado, em um contexto de política monetária restritiva.

**Nos EUA, o destaque será a divulgação da ata da última reunião do Fomc/Fed, na quarta-feira (19), que deve ajudar os agentes a avaliar a divisão interna do Comitê**. O documento ganhou relevância após a manutenção dos juros no intervalo entre 3,50% e 3,75% a.a. na reunião de 28 e 29 de julho, com três votos dissidentes a favor de alta de 0,25 p.p. A ata deve trazer uma avaliação mais profunda do Comitê sobre a atividade e a inflação, em um novo contexto de comunicação mais sucinta. Adicionalmente, o documento pode revelar se mais membros demonstraram preocupação com a inflação e disposição para elevar os juros em breve. Na agenda econômica, na terça (18), serão divulgados os dados da produção industrial de julho, com alta esperada de 0,3% no mês. Já na sexta (21), será a vez das prévias dos PMIs de agosto, que devem seguir em terreno expansionista, mas voltando a trazer sinais de acomodação.

**Na Zona do Euro, a leitura final do CPI de julho deve confirmar a prévia, com alta de 0,2% no mês e avanço de 2,9% em 12 meses.** Os preços de energia devem seguir no radar como a principal pressão de alta. Ainda, o índice deve seguir acima da meta do BCE (2,0%), que pode voltar a subir os juros na reunião de setembro (dia 10). Na sexta-feira (21), as prévias dos índices PMIs de agosto devem indicar expansão moderada da indústria e dos serviços no mês.

**Na China, foram divulgados ontem à noite (16) dados de atividade de julho, que seguiram apontando baixo dinamismo da demanda doméstica**. A produção industrial avançou 4,5% ante o mesmo mês do ano anterior, seguindo como o setor mais dinâmico, mas desacelerando em relação a junho (+5,3%). Já as vendas no varejo cresceram apenas 0,6%, também desacelerando ante o mês anterior (+1,0%). Na quarta-feira (19), serão decididas as taxas prime de empréstimo (LPR) de 1 e 5 anos, que devem permanecer inalteradas em 3,00% a.a. e 3,50% a.a., respectivamente.

# INDICADORES DA SEMANA

## NACIONAL

| Data | Indicadores Nacionais | Período de Referência | Consenso de Mercado | Anterior |
|---|---|---|---|---|
| 17/ago | BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) | Jun/26 | -0,5% m/m<br>2,3% a/a | 0,1% m/m<br>0,8% a/a |
| 17/ago | FGV: Monitor do PIB | Jun/26 | - | 0,7% m/m<br>1,2% a/a |
| 17/ago | FGV: IGP-10 | Ago/26 | 0,18% m/m<br>2,70% a/a | -0,30 m/m<br>2,14% a/a |
| 20/ago | BCB: Reunião do CMN | - | - | - |
| 20/ago | BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC) | Jun/26 | - | - |

Fonte: Bloomberg.

## INTERNACIONAL

| Data | País ou Região | Indicadores Internacionais | Período de Referência | Consenso de Mercado | Anterior |
|---|---|---|---|---|---|
| 16/ago | China | Produção Industrial | Jul/26 | 5,0% a/a | 5,3% a/a |
| 16/ago | China | Vendas do varejo | Jul/26 | 1,5% a/a | 1,0% a/a |
| 18/ago | EUA | Produção Industrial | Jul/26 | 0,3% m/m | 0,1% m/m |
| 18/ago | EUA | Alvarás para novas construções | Jul/26 – prévia | 0,1% m/m | -2,6% m/m |
| 18/ago | EUA | Construção de casas novas | Jul/26 – prévia | -5,9% m/m | 19,0% m/m |
| 18/ago | EUA | Vendas de casas pendentes | Jul/26 | 0,0% m/m | -5,4% m/m |
| 19/ago | China | Taxa de Juros Prime (1 ano e 5 anos) | Ago/26 | 3,00% aa; 3,50% aa | 3,00% aa; 3,50% aa |
| 19/ago | Zona do Euro | Inflação ao Consumidor (CPI) | Jul/26 – final | 0,2% m/m<br>2,9% a/a | -0,1% m/m<br>2,8% a/a |
| 19/ago | EUA | Fed: Ata da última reunião | - | - | - |
| 21/ago | Zona do Euro | PMI Manufatura e Serviços | Ago/26 – prévia | 51,9 pts / 51,6 pts | 51,9 pts / 51,7 pts |
| 21/ago | Zona do Euro | Confiança do consumidor | Ago/26 – prévia | -16,3 pts | -15,9 pts |
| 21/ago | EUA | PMI Manufatura e Serviços | Ago/26 – prévia | 53,9 pts/ 53,9 pts | 53,9 pts / 54,6 pts |

Fonte: Bloomberg.

# ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

## Inflação e atividade voltam a trazer sinais de desaceleração da economia

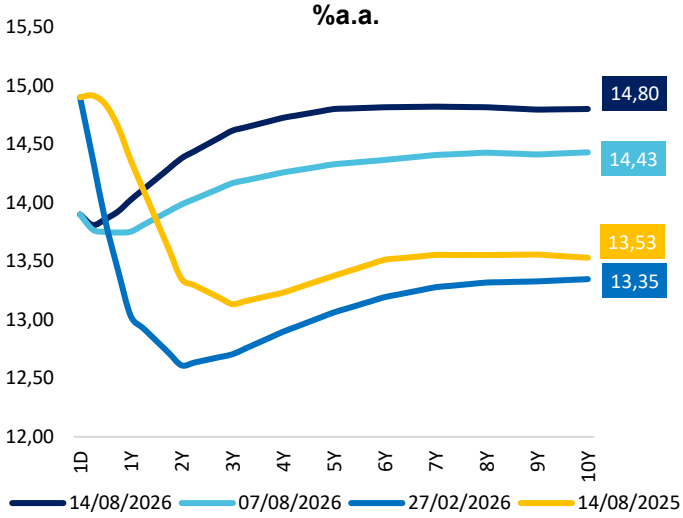
**O Banco Central divulgou, na última terça-feira (11), a ata da 280ª reunião do Copom, que reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p., para 14,00% a.a.** O documento reafirmou uma postura cautelosa por parte da autoridade monetária, em um ambiente marcado por expectativas de inflação desancoradas, elevada incerteza e riscos para a inflação ainda assimétricos para cima. Nesse contexto, o Comitê reforçou que a política monetária deve seguir conduzida com serenidade e cautela, mantendo grau de restrição compatível com a convergência da inflação à meta.

Na avaliação do cenário externo, o Copom voltou a destacar o conflito armado no Oriente Médio, mas passou a incorporar de forma mais explícita a incerteza relacionada à política monetária em algumas economias avançadas, fator que pode afetar fluxos de capitais e a taxa de câmbio das economias emergentes.

No ambiente doméstico, a ata indicou uma percepção de atividade econômica mais moderada e inflação em desaceleração na margem em relação à reunião de junho. Quanto à atividade, apontou que os indicadores divulgados desde então sugerem desaceleração no 2T26, com sinais disseminados tanto pelo lado da oferta quanto da demanda, embora ainda de forma heterogênea entre os setores. Sobre o mercado de trabalho, apontou que segue acompanhando detidamente: por um lado, a taxa de desemprego permanece historicamente baixa; por outro, há sinais de desaceleração no nível de ocupação e nos rendimentos. Ainda assim, o crescimento da renda permanece acima da produtividade do trabalho, segundo o documento. Em relação à inflação, reconheceu que as medidas subjacentes desaceleraram para patamar ligeiramente abaixo do limite superior da meta.

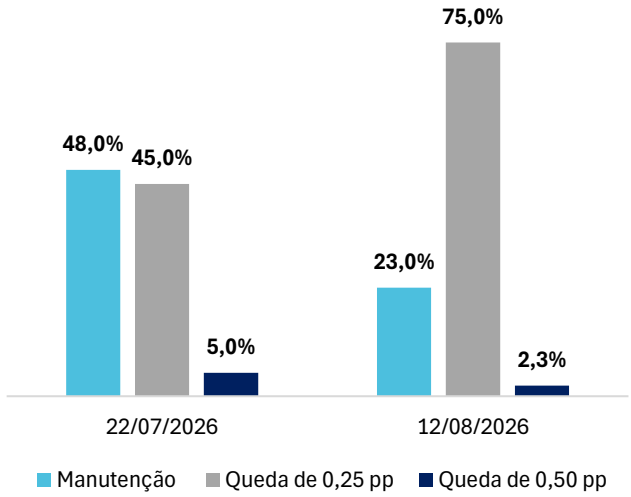
De toda forma, a ata não trouxe sinalizações claras sobre os próximos passos da política monetária, reforçando uma abordagem mais dependente dos dados. Assim, a decisão da próxima reunião, marcada para os dias 15 e 16 de setembro, dependerá da evolução do cenário inflacionário, das expectativas, da atividade econômica, do mercado de trabalho e das condições financeiras domésticas e internacionais. Por ora, a expectativa de mercado é de uma nova redução de 0,25 p.p. da Selic na próxima reunião, para 13,75% a.a.

**Quadro 1: Curva de Juros Futuros %a.a.**




Fonte: Bloomberg

**Quadro 2: Probabilidades para a Taxa Selic na reunião de setembro**




Fonte: B3

Em síntese, a ata confirma que o Banco Central deu sequência ao ciclo de "calibração" sem abandonar a prudência. A autoridade monetária reconhece a moderação da atividade e algum alívio inflacionário, mas reitera que, em um ambiente de expectativas desancoradas, é necessária uma restrição "maior e por mais tempo" do que seria usual. Assim, o Copom evitou compromissos prévios e condicionou os próximos movimentos da Selic à evolução do cenário.

**O IPCA subiu 0,07% em julho, ligeiramente acima da mediana das expectativas (0,00%), ainda assim equivalente à menor taxa para o mês desde 2022 (-0,68%). No acumulado de 12 meses, o índice desacelerou de 4,64% para 4,44%, voltando a ficar abaixo do teto da meta (4,50%).**

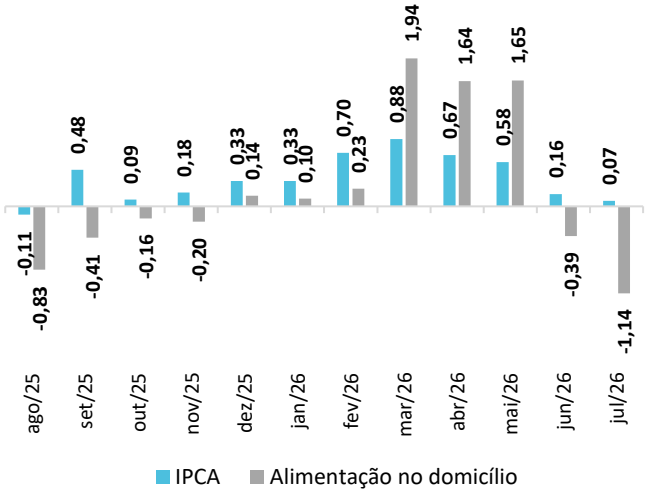
O destaque da leitura voltou a ser a deflação (2ª seguida) do grupo alimentação e bebidas (-0,67%), concentrada nos itens consumidos no domicílio (-1,14%). Houve queda nos preços dos itens *in natura*, como tubérculos e legumes (-16,15%) e verduras (-1,15%), típica para o período, além de ovos (-2,73%) e arroz (-0,43%). Tais recuos mais que compensaram a inflação da alimentação fora do domicílio, que acelerou para 0,55% (ante +0,15%). Os grupos vestuário (-0,66%) e educação (-0,03%) também registraram deflação no mês.

Entre os demais grupos, a maior alta veio de habitação (+0,99%), pressionada pela energia elétrica (+3,09%), responsável pelo maior impacto individual no mês (+0,13 p.p.), refletindo reajustes tarifários em diversas capitais, incluindo São Paulo. Já o grupo transportes ficou praticamente estável (+0,05%), diante de efeitos distintos. O preço das passagens aéreas acelerou pelo 2º mês seguido e subiu 11,67%, enquanto os combustíveis registraram a 3ª queda consecutiva (-1,44%), com a dissipação do choque do petróleo.

No acumulado de 12 meses, houve alívio disseminado entre os principais componentes do índice, ainda que de modo bastante gradual. A alimentação no domicílio, que vinha sendo o principal vetor de aceleração do indicador, desacelerou para 2,54% (ante +3,01%). Os itens monitorados também desaceleraram (de 5,52% para 5,10%), mas seguem com o maior avanço, enquanto o núcleo de serviços, relevante para a condução da política monetária, desacelerou para 4,92%, menor nível desde set/24 (4,73%), embora ainda acima do teto da meta (4,50%). Já a média dos núcleos ficou praticamente estável em 4,43% (ante 4,45%).

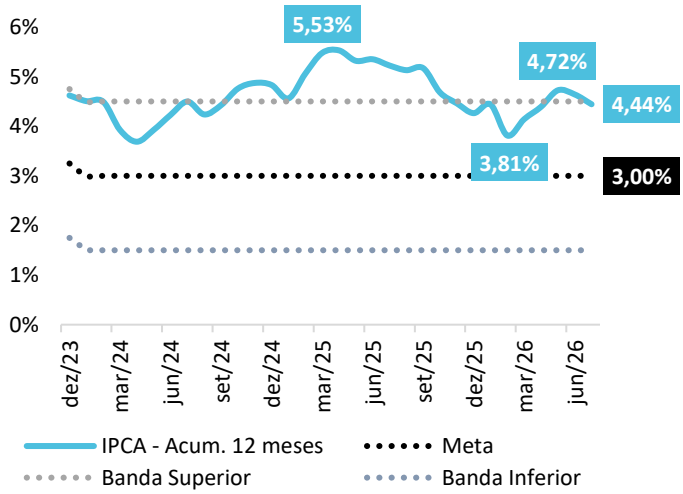
Portanto, o IPCA trouxe um número controlado, embora ligeiramente acima do esperado, com alívios relevantes na alimentação no domicílio e nos combustíveis.

**Quadro 3: IPCA: Geral e Alimentação no domicílio**
**Var. % mensal**



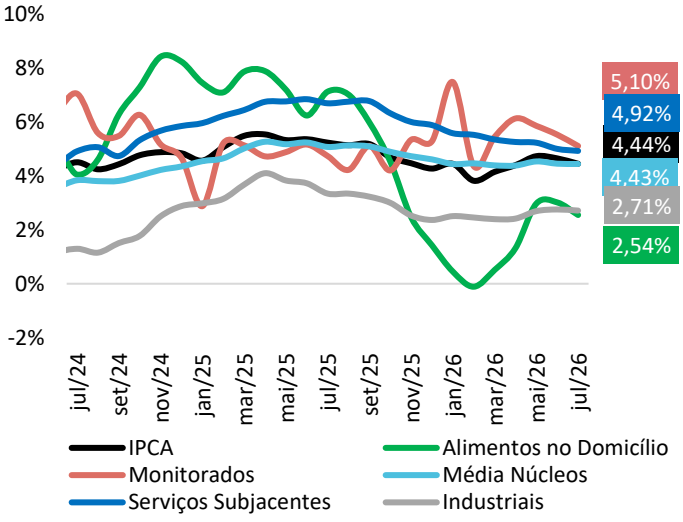

Fonte: IBGE

**Quadro 4: IPCA e Meta – Var.% 12 meses**




Fonte: IBGE e BCB

**Quadro 5: IPCA e Aberturas**
**Var. % Acumulada em 12 meses**




Fonte: IBGE

Essa melhora na margem tem levado os agentes a reduzirem gradualmente suas projeções para o IPCA no fim do ano, que voltaram a se aproximar de 5,0% (ante 5,35% em meados de junho, no auge do temor quanto ao impacto da guerra nos preços). Contudo, o ambiente permanece desafiador, com a inflação de serviços e a média dos núcleos em patamar ainda elevado, além das previsões de agências climáticas de intensificação do fenômeno *El Niño* e das incertezas no âmbito internacional.

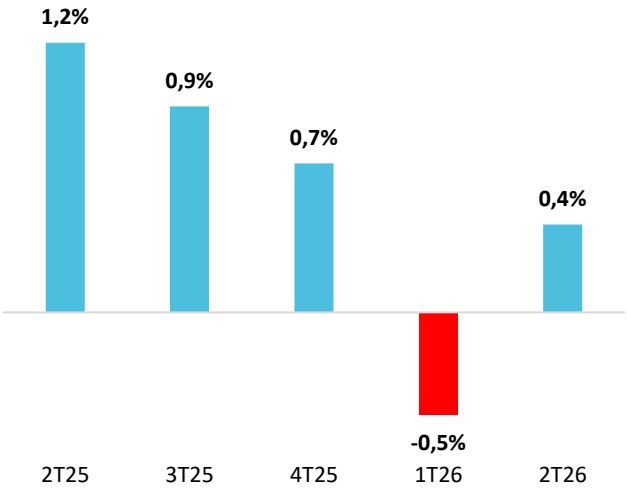
**Os indicadores de atividade do setor de serviços e do varejo cresceram marginalmente acima do consenso em junho, mas não alteraram a percepção de acomodação da atividade no 2T26.** Em serviços, o volume ficou estável em junho ante maio, acima da expectativa de queda de 0,2%, levando o setor a encerrar o trimestre com alta de 0,4% frente ao 1T26. O resultado devolve parcialmente a queda de 0,5% observada no trimestre anterior, mas a recuperação ficou concentrada no início do período, especialmente em abril, com perda de dinamismo nos meses seguintes.

A composição do dado de junho reforça essa leitura mais cautelosa. Houve retração em segmentos mais sensíveis ao ciclo econômico, como transportes (-0,1%), com destaque para a queda em transporte terrestre (-0,5%) e especialmente em transporte aéreo (-6,7%), que já havia recuado 5,5% em maio, impactado pelo choque nos preços de combustíveis (querosene de avião). Também recuaram os serviços profissionais (-1,4%), os serviços prestados às famílias (-1,2%) e as atividades turísticas (-3,4%). Por outro lado, os serviços de tecnologia da informação e comunicação seguiram sustentando parcialmente o resultado agregado, com alta de 2,8% no mês.

No trimestre, os serviços prestados às famílias (+0,7%) e profissionais (+1,2%) avançaram após números mais fracos no 1T26, mas essa melhora foi concentrada no primeiro mês do trimestre. Apenas os serviços de TI e comunicação (+1,6%) seguem avançando de forma recorrente e robusta. Por outro lado, os transportes (-0,7%) voltaram a cair. Assim, apesar do resultado agregado levemente acima do esperado no mês, a dinâmica das atividades do setor continua sugerindo arrefecimento, principalmente nos segmentos mais cíclicos.

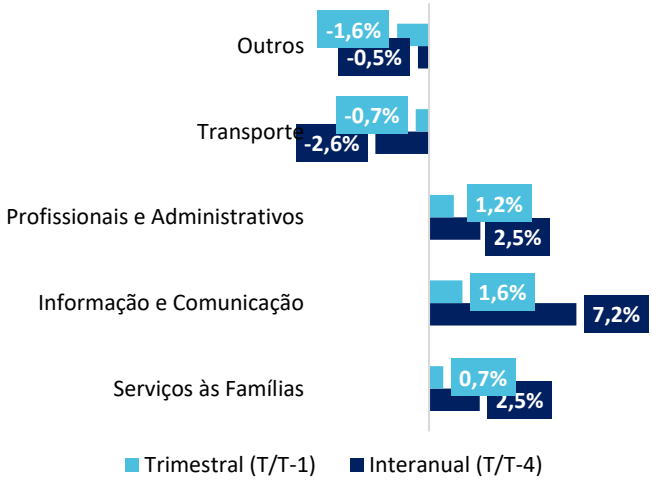
No varejo, o resultado trimestral foi negativo, com queda de 0,4% no conceito restrito e retração de 1,0% no ampliado. A trajetória, no entanto, difere da observada em serviços, uma vez que a piora ficou concentrada em abril, seguida por retomada em maio (+0,3%) e junho (+0,5%) no varejo restrito. No acumulado de 12 meses, o restrito manteve desempenho relativamente estável, passando de alta de 1,5% em abril para 1,6% em junho, ainda distante das expansões mais fortes observadas até o 1S25, quando crescia próximo a 3%.

**Quadro 6: Volume de Serviços**
**Var. % Trimestral**



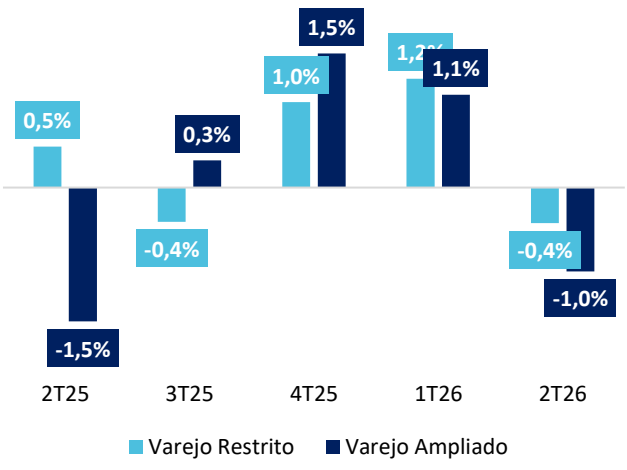

Fonte: IBGE

**Quadro 7: Volume de Serviços por Atividade**
**Var. % Trimestral**




Fonte: IBGE

**Quadro 8: Volume de Comércio no Varejo**
**Var. % Trimestral**




Fonte: IBGE

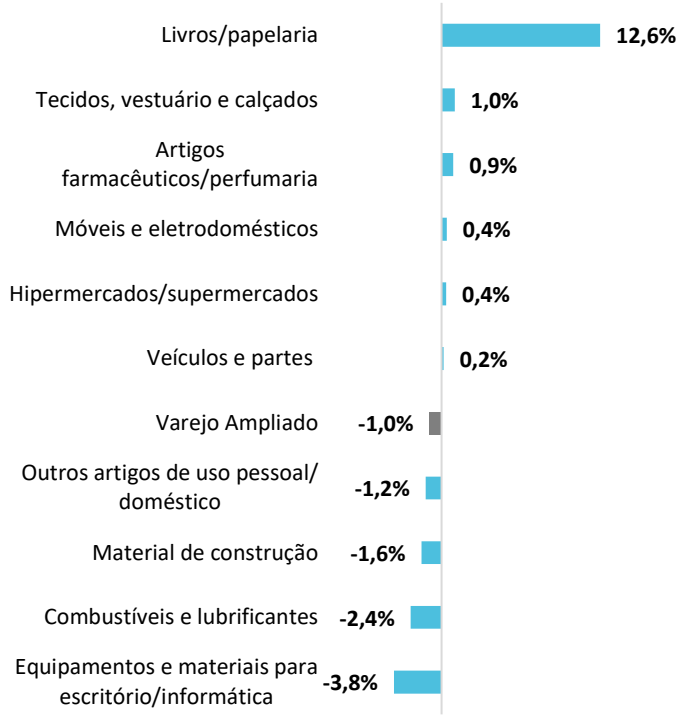
No varejo ampliado, a leitura é semelhante. Apesar da queda de 1,1% em junho, melhor que a expectativa de retração de 1,4%, o indicador também mostrou melhora no acumulado de 12 meses, passando de 0,2% em março e 0,3% em abril para 0,8% em junho. Assim, a mensagem é de um varejo resiliente, mas ainda com dinamismo limitado, sem vetores suficientes para sustentar um crescimento mais intenso.

No trimestre, a fraqueza do varejo ampliado refletiu principalmente o desempenho negativo das vendas de material de construção (-1,6%), enquanto o segmento de veículos ficou relativamente estável (+0,2%). De toda forma, ambos ainda apresentam desempenho positivo no acumulado de 12 meses, especialmente em veículos (+11,6%). A composição do varejo também teve influência de fatores pontuais, incluindo efeitos associados à Copa do Mundo: o segmento de livros, jornais, revistas e papelaria, embora tenha baixo peso no índice, cresceu 12,6% no trimestre, beneficiado pelas vendas de álbuns e figurinhas.

Com os resultados de junho, tanto serviços quanto varejo deixam *carry-overs* estatísticos limitados para o 3T26 e para o restante do ano. No varejo restrito, o *carry-over* é de -0,4% para o 3T26 e de 1,8% para o ano; no varejo ampliado, de -0,7% para o 3T26 e de 0,9% para o ano. Em serviços, o *carry-over* é de -0,1% para o 3T26 e de 1,1% para 2026.

**Em conjunto, os dados reforçam a leitura de desaceleração gradual da atividade no 2T26, que tende a se intensificar ao longo do segundo semestre.** De toda forma, os indicadores correntes seguem compatíveis com uma economia convergindo para um crescimento ao redor de 2% no ano, mas com certo viés negativo na margem. Por fim, as divulgações da semana (inflação e atividade em desaceleração) reforçam o quadro de continuidade do ciclo de cortes, com nova redução da Selic já esperada para a reunião de setembro do Copom (dias 15 e 16).

**Quadro 9: Volume de Comércio no Varejo Por Atividade - Var. % no 2T26 (ante o 1T26)**




Fonte: IBGE

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Inflação controlada nos EUA alivia os juros e reduz pressão sobre o Fed

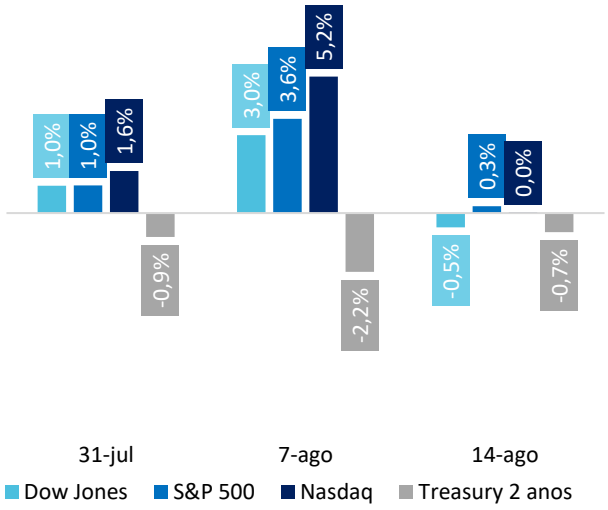
No cenário internacional, o destaque foi a divulgação do dado de inflação ao consumidor (CPI), que mostrou uma alta contida e em linha com o esperado nos EUA. O número tirou parte da pressão para o Fed subir os juros no encontro de setembro, aliviando o rendimento das *Treasuries*, especialmente as de curto prazo (2 anos), e elevando a chance de nova manutenção dos *Fed Funds* na reunião (67%, CME Group). O movimento ajudou a dar suporte aos ativos de risco, novamente favorecidos pelas ações de tecnologia (IA), levando o índice S&P 500 a renovar a máxima histórica. No âmbito geopolítico, o conflito entre EUA e Irã segue sem perspectiva de solução. Donald Trump voltou a pressionar o Irã, indicando que tende a ampliar o isolamento econômico do país. Nesse contexto, o preço do barril de petróleo (Brent) tem mostrado alta volatilidade, voltando a subir na semana e aproximando-se de US$ 90.

Quanto aos dados, o CPI subiu 0,1% em julho nos EUA, em linha com o esperado e com novos sinais de dissipação do choque de energia. A gasolina caiu 2,9%, após recuar 9,5% em junho. Por outro lado, a alimentação fora do domicílio subiu 0,3%, enquanto os aluguéis avançaram 0,1%, responsáveis por cerca de 2/3 da alta mensal. No acumulado de 12 meses, o CPI desacelerou ligeiramente para 3,4% (ante 3,5% em jun/26), mas continua bem acima da meta de inflação de 2,0%. O núcleo do indicador também mostrou pequeno arrefecimento, passando de 2,6% para 2,5% no mesmo comparativo, e também segue acima da meta. Já os preços ao produtor (PPI) ficaram estáveis em julho, abaixo do esperado (+0,2%). No acumulado de 12 meses, o indicador desacelerou para 4,7% (ante 5,5% em jun/26).

Já os números de atividade sugerem perda de força do consumo das famílias. As vendas no varejo caíram 0,6% em julho, bem abaixo do esperado (+0,1%). A prévia da confiança do consumidor (Univ. Michigan), por sua vez, recuou para 51,0 pts em agosto (ante 55,2 pts em jul/26), refletindo a persistente preocupação das famílias com a inflação. Os números, em conjunto com os dados de inflação, reforçaram as apostas em manutenção dos juros na reunião de setembro do Fed.

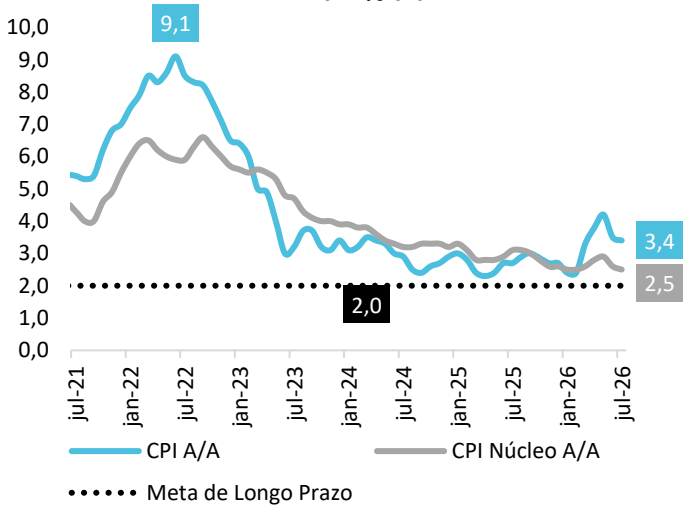
Por fim, na Zona do Euro, a produção industrial ficou estável em junho, em linha com a projeção do mercado e após quatro meses de alta. Já a segunda leitura do PIB do 2T26 confirmou a prévia, com alta de 0,4% no trimestre. A abertura por país confirmou os desempenhos da prévia, com alta mais relevante na Espanha (+0,7%), entre os principais países.

**Quadro 10: Índices Acionários e Rendimento das *Treasuries* de 2 anos – Var. % semanal**



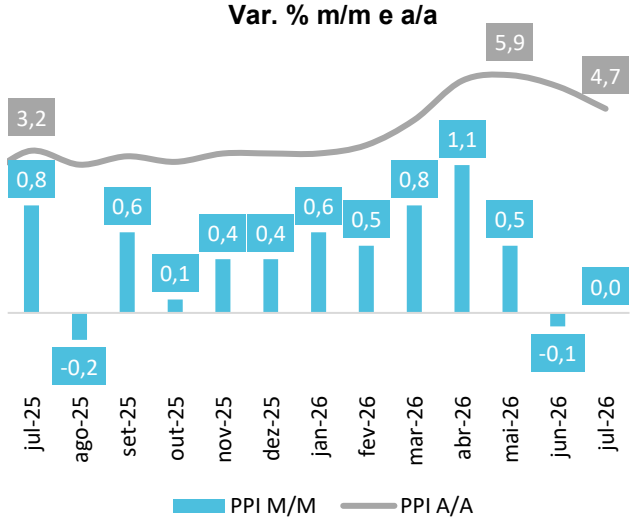

Fonte: Bloomberg.

**Quadro 11: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a**




Fonte: Bloomberg.

**Quadro 12: EUA – Inflação ao Produtor (PPI) Var. % m/m e a/a**




Fonte: Bloomberg.

CRÉDITO / BANCOS

## Resultado Corporativo 2º Tri/26
## Banco do Brasil

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R$ 3,9 bilhões no 2º trimestre, ligeiramente acima do esperado (R$ 3,8 bi). O número representa alta no trimestre (+13,9%) e na comparação com o 2T25 (+3,3%). A rentabilidade (ROE) do BB subiu de 7,3% no 1T26 para 8,3%, dando sinais iniciais de recuperação, após ter atingido, no trimestre anterior, o menor nível desde o início do estresse no setor agropecuário.

O resultado segue pressionado pelo aumento do custo do crédito, que atingiu R$ 18,5 bi. No trimestre, houve leve recuo (-2,1%), porém o número seguiu avançando em 12 meses (+16,1%), em função do contínuo avanço da inadimplência. A alta em 12 meses reflete, sobretudo, os maiores descontos concedidos, que praticamente triplicaram no período (de R$ 525 mi para R$ 1,5 bi). Já a perda esperada subiu 8,4% ante o 2T25, com forte avanço no segmento PF (+64,0%), diante do aumento da inadimplência no cartão de crédito.

A margem financeira bruta subiu 9,6% ante o 2T25, puxada pela margem com o mercado (+45,6%), em função do crescimento da carteira de TVMs e da elevada Selic no período. A margem com clientes subiu 5,1%, diante do aumento do saldo médio da carteira de crédito e de maiores *spreads*. As receitas com prestação de serviços subiram 4,2% no ano, influenciadas pelas receitas com consórcios (+14,1%) e administração de fundos (+12,2%). Já os gastos operacionais subiram 4,1%, puxados pelas despesas de pessoal (+5,2%). Assim, o índice de eficiência ficou estável em 28,0% (acumulado em 12 meses).

**Quadro 13: Resultado 2T26 – Banco do Brasil**

| Banco do Brasil - R$ Mi | 2T25 | 1T26 | 2T26 | Var. % Tri | Var. % Anual |
|---|---|---|---|---|---|
| **ITENS PATRIMONIAIS[1]** | | | | | |
| Ativo Total | 2.437.483 | 2.606.194 | **2.584.770** | -0,8% | 6,0% |
| TVM | 605.581 | 752.065 | **768.259** | 2,2% | 26,9% |
| Depósitos | 880.357 | 934.977 | **954.019** | 2,0% | 8,4% |
| Patrimônio Líquido | 183.549 | 194.940 | **189.211** | -2,9% | 3,1% |
| **DRE[2]** | | | | | |
| Margem Financeira Bruta | 25.080 | 27.426 | **27.483** | 0,2% | 9,6% |
| Custo do Crédito | -15.908 | -18.865 | **-18.477** | -2,1% | 16,1% |
| Despesa de Perda Esperada | -17.374 | -16.593 | **-18.831** | 13,5% | 8,4% |
| PDD - Recuperação de Crédito | 1.991 | 1.232 | **1.865** | 51,4% | -6,3% |
| Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias | 8.754 | 8.821 | **9.125** | 3,4% | 4,2% |
| Despesas Administrativas | -9.676 | -10.017 | **-10.076** | 0,6% | 4,1% |
| IR/CSLL | -113 | 1.101 | **258** | -76,6% | -327,7% |
| Lucro Líquido Ajustado | 3.784 | 3.431 | **3.908** | 13,9% | 3,3% |
| **RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE[3]** | | | | | |
| ROAE | 8,4% | 7,3% | **8,3%** | 1,1 pp | -0,1 pp |
| ROAA | 0,6% | 0,5% | **0,6%** | 0,1 pp | 0,0 pp |
| Índice de eficiência | 27,0% | 28,0% | **28,0%** | 0,0 pp | 1,0 pp |
| **CRÉDITO** | | | | | |
| Carteira de crédito ampliada[4] | 1.294.296 | 1.305.528 | **1.313.157** | 0,6% | 1,5% |
| Interna | 1.215.475 | 1.229.248 | **1.235.341** | 0,5% | 1,6% |
| PF | 342.595 | 361.834 | **357.640** | -1,2% | 4,4% |
| PJ | 467.986 | 449.027 | **456.150** | 1,6% | -2,5% |
| Agronegócios | 404.893 | 418.388 | **421.550** | 0,8% | 4,1% |
| Externa | 78.822 | 76.280 | **77.817** | 2,0% | -1,3% |
| Despesa PDD/Carteira de crédito amp. | 1,2% | 1,4% | **1,4%** | 0,0 pp | 0,2 pp |
| Taxa de inadimplência (> 90 dias) | 4,0% | 5,0% | **5,6%** | 0,6 pp | 1,6 pp |
| Índice de Basileia | 14,1% | 14,2% | **13,9%** | -0,3 pp | -0,2 pp |
| Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3 | 68,9% | 69,8% | **69,5%** | -0,3 pp | 0,6 pp |

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. [1]Contábil [2]1T25 segue Res. 4.966/21, valores anteriores seguem regulação até 31/12/24. [3]Anualizado [4]Inclui TVM e garantias.

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R$ 1,313 tri, com alta de 1,5% em 12 meses. A expansão é liderada pelo saldo de TVMs e garantias (+6,4%), enquanto o crédito bancário cresce apenas 1,3%. A carteira PF avança 4,4%, influenciada pelo cartão de crédito (+15,1%) e pelo consignado privado (+127,8%), embora este ainda represente uma parcela reduzida do crédito destinado às famílias pela instituição (3,5%). A carteira do Agronegócio cresceu 4,1% ante o 2T25, com destaque para as operações do "Regulariza Agro" (MP 1.314), que já correspondem a quase 10% da carteira do segmento, totalizando R$ 39,3 bi de saldo no 2T26. Já a carteira PJ registrou queda de 2,5% em 12 meses, com recuo tanto no segmento de MPMEs (-9,3%) quanto no de grandes empresas (-5,1%).

A inadimplência (acima de 90 dias) ficou em 5,6% no 2T26, com alta de 0,6 p.p. no trimestre e de 1,6 p.p. em 12 meses. Entre os segmentos, os pontos de atenção ficam por conta das carteiras PF: alta de 2,8 p.p. no tri, para 8,4%, puxada especialmente pelo cartão de crédito (+7,5 p.p. no tri, para 14,6%); e Agro, praticamente estável no trimestre (+0,1 p.p.), mas ainda com alta em 12 meses (+3,1 p.p.), para 6,3%. Em PJ, o índice avançou 0,3 p.p. no tri, para 3,2%.

O *guidance* do BB se manteve inalterado para 2026, com projeção de crescimento da carteira de crédito entre 0,5% e 4,5% no ano e lucro líquido entre R$ 18,0 bi e R$ 22,0 bi. No 1º semestre, o crescimento da carteira foi de 0,6% e o lucro líquido ficou em R$ 7,3 bi.

## Resultado Corporativo 2º Tri/26
## BTG Pactual

CRÉDITO / BANCOS

O BTG Pactual (BTG) registrou lucro líquido contábil de R$ 4,9 bilhões no 2º trimestre de 2026, com alta de 7,2% ante o 1T26 e de 22,2% em relação ao 2T25. Em termos ajustados (recorrentes), o lucro líquido ficou em R$ 5,1 bi. A rentabilidade (ROE) atingiu 26,7%, com alta de 0,1 p.p. no trimestre e queda de 0,5 p.p. no ano.

A alta do lucro na comparação anual refletiu, sobretudo, o avanço das receitas (+15,9%), puxadas pelo segmento de empréstimo às empresas (*Corporate Lending & Business Banking*), o mais relevante do banco. A unidade registrou receita da ordem de R$ 2,5 bi (cerca de um quarto do total), com avanço de 18,7% no período, refletindo a forte originação de empréstimos, em especial no crédito às grandes empresas (+25,2%).

Outros dois segmentos também se destacaram, em função do crescimento do volume de ativos sob gestão: gestão de fundos (*Asset Management*), com alta de 27,2%; e gestão de patrimônio (*Wealth Management & Personal Banking*), cuja receita subiu 16,8% ante o 2T25.

**Quadro 14: Resultado 2T26 – BTG Pactual**

| BTG Pactual - R$ Mi | 2T25 | 1T26 | 2T26 | Var. % Tri | Var. % Anual |
|---|---|---|---|---|---|
| **DRE** | | | | | |
| **Receita Total** | **8.951** | **9.968** | **10.371** | **4,0%** | **15,9%** |
| Investment Banking | 782 | 628 | 421 | -33,0% | -46,2% |
| Corporate Lending & Business Banking | 2.107 | 2.332 | 2.500 | 7,2% | 18,7% |
| Sales & Trading | 1.913 | 1.877 | 1.858 | -1,0% | -2,9% |
| Asset Management | 624 | 783 | 794 | 1,4% | 27,2% |
| Wealth Management & Personal Banking | 1.239 | 1.516 | 1.447 | -4,6% | 16,8% |
| Consumer Finance & Banking | 890 | 1.125 | 1.546 | 37,4% | 73,7% |
| Interest & Others | 1.396 | 1.706 | 1.805 | 5,8% | 29,3% |
| **Despesas operacionais totais** | **-3.787** | **-4.231** | **-4.281** | **1,2%** | **13,0%** |
| Bônus | -1.002 | -1.005 | -1.001 | -0,4% | -0,1% |
| Salários e benefícios | -907 | -986 | -1.019 | 3,3% | 12,3% |
| Administrativas e outras | -1.004 | -1.135 | -1.236 | 8,9% | 23,1% |
| Amortização de ágio | -337 | -432 | -439 | 1,6% | 30,3% |
| Despesas tributárias, exceto imposto de renda | -537 | -674 | -587 | -12,9% | 9,3% |
| **Lucro antes dos impostos** | **5.164** | **5.737** | **6.090** | **6,2%** | **17,9%** |
| Imposto de renda e contribuição social | -1.155 | -1.166 | -1.189 | 2,0% | 2,9% |
| **Lucro líquido** | **4.009** | **4.570** | **4.901** | **7,2%** | **22,2%** |

Fonte: RI do BTG.

Já as despesas do banco subiram 13,0% em 12 meses, totalizando R$ 4,3 bi. A alta foi puxada tanto pela amortização do ágio (+30,3%), em função da consolidação integral do Banco Pan após a aquisição da participação minoritária remanescente, quanto pelas despesas administrativas (+23,1%), diante da necessidade de gastos com a integração das plataformas incorporadas recentemente ao grupo. Ainda assim, o índice de eficiência melhorou, recuando de 39% (no 2T25) para 37%.

A carteira de crédito expandida atingiu R$ 406,8 bi, com alta de 25% em 12 meses. A carteira é majoritariamente composta pelo segmento *corporate*, com volume de R$ 288,5 bi (+21,3%). Em segundo lugar, vem o segmento de varejo, com carteira de R$ 78,1 bi e expansão anual de 35,2%, impulsionada pelo consignado privado e pelo financiamento de veículos. Em termos de qualidade, o banco reportou que 93,2% da carteira expandida está classificada como Estágio 1 (menor risco de crédito).

**Quadro 15: Principais indicadores – BTG Pactual**

| Destaques e Principais Indicadores (não auditado) *(em R$ milhões a menos que indicado)* | Trimestre | | |
|---|---|---|---|
| | 2T 2025 | 1T 2026 | 2T 2026 |
| Receita total Ajustada[1] | 8.951 | 9.968 | 10.371 |
| Lucro líquido | 4.009 | 4.570 | 4.901 |
| **Lucro líquido Ajustado[1]** | **4.194** | **4.808** | **5.142** |
| Lucro líquido por unit ajustado (R$) | 1,10 | 1,24 | 1,33 |
| **ROAE anualizado[1]** | **27,2%** | **26,6%** | **26,7%** |
| Índice de eficiência ajustado | 38,5% | 38,1% | 37,1% |
| Patrimônio líquido | 63.703 | 74.510 | 79.553 |
| Número Total de Ações (# em '000) | 11.423.711 | 11.587.655 | 11.587.655 |
| **Quantidade de Units (# em '000)** | **3.807.904** | **3.862.552** | **3.862.552** |
| **Valor Patrimonial por Unit (R$)** | **16,7** | **19,3** | **20,6** |
| Índice de Basileia | 16,2% | 15,9% | 16,0% |
| Ativos totais (em R$ Bilhões) | 656,1 | 845,6 | 925,2 |
| AuM e WuM Total (em R$ Bilhões) | 2.146,5 | 2.594,3 | 2.675,3 |



Fonte: RI do BTG.

# MERCADOS E EXPECTATIVAS

| FOCUS – Indicadores Selecionados | 2026 | | | | 2027 | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 14/08/2026 | 07/08/2026 | 17/07/26 | Viés | 14/08/2026 | 07/08/2026 | 17/07/26 | Viés |
| IPCA (%) | **5,02** | 5,02 | 5,15 | ↔ | **4,24** | 4,22 | 4,20 | ▲ |
| PIB (% de crescimento) | **1,98** | 1,98 | 1,99 | ↔ | **1,50** | 1,52 | 1,65 | ▼ |
| Meta Selic - fim do ano (% a.a.) | **13,75** | 13,75 | 14,00 | ↔ | **12,00** | 12,00 | 12,00 | ↔ |
| Taxa de Câmbio - fim do ano (R$/US$) | **5,20** | 5,20 | 5,20 | ↔ | **5,29** | 5,28 | 5,28 | ▲ |

Fonte: Banco Central do Brasil.

| Indicadores do Mercado | 14/08/26 | Variação % | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Na semana | No mês | No ano | 12 meses |
| **NACIONAL** | | | | | |
| Taxa de câmbio (R$/US$) | **5,22** | 2,80% | 2,95% | -4,60% | -3,59% |
| CDS Brasil 5 anos (em pontos) | **125,06** | 2,55% | 0,34% | -9,71% | -8,66% |
| Juros DI 30 dias (% a.a.) | **13,87** | -0,15% | -0,66% | -6,94% | -6,99% |
| Juros DI 1 ano (% a.a.) | **13,95** | 1,43% | 0,78% | 1,06% | -3,22% |
| Juros DI 5 anos (% a.a.) | **14,69** | 2,62% | 1,76% | 9,03% | 9,99% |
| Índice Ibovespa (em pontos) | **166.934,20** | -3,23% | -6,22% | 3,61% | 22,43% |
| IFNC (setor financeiro) | **17.168,72** | -4,35% | -9,09% | -0,74% | 13,79% |
| **INTERNACIONAL** | | | | | |
| Fed Funds (% a.a.) | **3,75** | 0,00% | 0,00% | 0,00% | -16,67% |
| T-NOTE - 2 anos (% a.a.) | **4,17** | -0,62% | -2,85% | 20,90% | 11,70% |
| T-NOTE - 10 anos (% a.a.) | **4,69** | 1,01% | -0,90% | 13,84% | 9,51% |
| Dollar Index | **99,64** | 0,10% | -0,28% | 1,42% | 1,41% |
| Índice S&P 500 (em pontos) | **7.785,76** | 0,36% | 3,95% | 12,90% | 20,36% |
| Índice de Ações - Maiores Bancos EUA | **193,91** | 2,06% | 3,68% | 17,13% | 32,91% |
| Índice de Ações - Bancos Regionais EUA | **150,91** | 2,46% | 2,37% | 20,48% | 24,86% |
| Índice Euro Stoxx 50 | **6.539,59** | 0,24% | 2,86% | 12,83% | 20,33% |
| Índice de ações de bancos - Zona do Euro | **322,11** | 0,81% | 3,87% | 22,11% | 36,70% |
| Barril de Petróleo - tipo Brent (US$) | **88,55** | 5,98% | -1,74% | 43,01% | 32,48% |

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
João Vítor Siqueira
Marcos Duarte
Jéssica Silva Martins